

XELB 10

Actas do 7º Encontro de Arqueologia do Algarve
Silves - 22, 23 e 24 Outubro 2009





XXII.

A Investigação Arqueológica do Período Romano no Algarve: balanço e perspectivas de investigação

João Pedro Bernardes *

Resumo

A investigação arqueológica do período romano no Algarve, iniciada de forma sistemática há mais de um século, tem sido marcada por diferentes ritmos, circunscrita quase sempre ao registo de sítios ou de estruturas resultantes de escavações de emergência ou de salvamento. Os avanços do ponto de vista do conhecimento da ocupação romana da região, apesar de progressos evidentes, têm sido muito tímidos face aos dados recolhidos, particularmente na última década. As lacunas e os desequilíbrios da investigação são manifestos ao nível da distribuição espacial dos dados recolhidos mas também ao nível da escassez de estudos de materiais e das abordagens paleoambientais e arqueométricas. Urge, pois, direccionar a investigação arqueológica para o estudo dos espólios que se têm acumulado nos depósitos nestes últimos anos, para além de aprofundar o trabalho de campo a partir de novas abordagens a fim de termos um quadro de conhecimento da época antiga mais completo e minimamente condizente com o volume de informação recolhida e à espera de estudo nos depósitos.

Abstract

Archaeological research in the Algarve to the Roman period, which began in a systematic way since the 19th century, has been marked by different rhythms. Despite visible progress, especially in recent decades, the knowledge of the Roman occupation of the region still has many gaps. The inland of the Algarve is still very poorly known; the studies of materials are poorly developed; it is need new research approaches based on palaeoenvironmental and archaeometric studies. The future of the research should be oriented for these items in order a more complete knowledge of the roman occupation in the region.

* Universidade do Algarve
jbernar@ualg.pt

Percursos da Investigação Arqueológica do Período Romano no Algarve, entre os Finais do Século XIX e os Alvores do Século XXI

Desde os trabalhos de Estácio da Veiga, nos finais do século XIX, que a ocupação do período romano no Algarve é relativamente bem conhecida. A Carta Arqueológica que elaborou e que, para a época romana, é retomada e divulgada pela sua bisneta Maria Luísa Santos, quase um século depois, continua hoje a ser um elemento de consulta imprescindível a quem se debruce sobre o tema. O número de sítios identificados, as escavações efectuadas e o rico, variado e abundante espólio então recolhido afirma, a partir de finais do século XIX, o Algarve no panorama arqueológico português do período romano como uma das regiões mais promissoras para a investigação arqueológica nacional. O pioneirismo de Estácio da Veiga e as abundantes informações que nos lega fixam o estado dos conhecimentos do período romano algarvio, durante cerca de um século, fruto, em grande parte, do marasmo em que vive a investigação arqueológica nacional até aos anos 70 do século XX. Basta confrontarmos os dados quantitativos de sítios romanos conhecidos entre 1886, data em que Estácio da Veiga publica a sua “Carta Archeologica do Algarve,” no volume I das “Antiguidades Monumentaes do Algarve”, com os sítios apresentados em 1972, altura da publicação do II volume da “Arqueologia Romana do Algarve”,

pela sua bisneta: de 169 sítios identificados pelo arqueólogo novecentista passamos para 188 (cf. fig. 1). Foram, pois, precisos quase noventa anos para que o número de sítios arqueológicos romanos conhecidos aumentasse menos de uma vintena. Durante este período de oito décadas merecem destaque alguns arqueólogos pelo labor desenvolvido como Santos Rocha (1895; 1896), Leite de Vasconcellos (1917; 1919-1920); José Formosinho (1942; Formosinho Ferreira, e Viana, 1953; Formosinho, 1997) ou Abel Viana (1951; 1952a; 1952b; Viana, Formosinho e Ferreira, 1953). Haverá outros que se dedicaram ao período romano algarvio, mas com trabalhos quase sempre lacónicos ou que, pelo seu carácter esporádico e pontual, pouco acrescentaram à realidade conhecida até então.

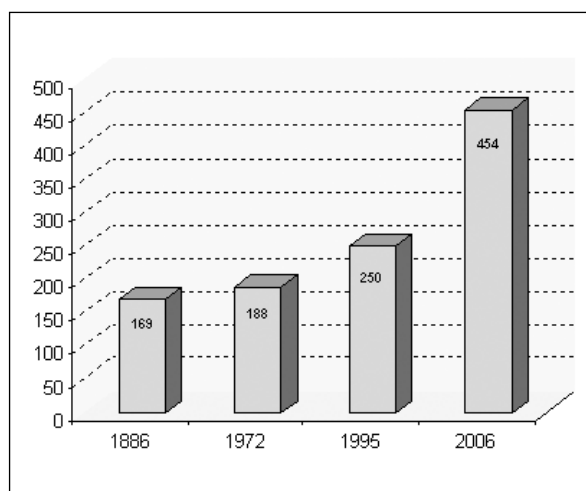


Fig. 1 – Evolução dos sítios arqueológicos do período romano registados no Algarve (1886-2006).

A partir da década de 70 do século XX anuncia-se um ponto de viragem nas investigações do período romano algarvio, surgindo alguns projectos de fôlego virados quer para a escavação extensiva de sítios, quer ainda para o estudo do povoamento e identificação e registo de sítios. Dentre os primeiros cabe mencionar os trabalhos de José Luís de Matos no Cerro da Vila (Matos, 1971; 1972; 1984; 1997) e do Instituto Arqueológico Alemão em Milreu, pela mão de Theodor Hauschild (1980; 1984); O projecto de prospecção e carta arqueológica (CAALG) então lançado no Algarve oriental por investigadores da UNIARQ com interesses tão diversos como os de

Victor Gonçalves, Ana Arruda ou Helena Catarino, lançaram as bases de uma profícua investigação no sotavento algarvio que, identificando um conjunto assinalável de sítios romanos, dará origem, a seu tempo, a várias teses académicas ocupando vários períodos arqueológicos (Gonçalves, 1979; Gonçalves, Arruda e Calado, 1996). O Algarve, sobretudo na sua faixa litoral, assistia então a um grande surto urbanístico, decorrente de inúmeros projectos imobiliários ligados ao turismo e que, por sua vez, trarão a conhecimento público vários sítios arqueológicos, muitas vezes depois de consumada a sua destruição. Para além daqueles projectos de arqueologia de campo que se prolongam até aos anos 90, um vasto número de trabalhos desenvolvidos sobretudo na década de 80 permitem um desenvolvimento assinalável no conhecimento do período romano na região: José de Encarnação (1984, 1991) recolhe e estuda de forma sistemática os textos epigráficos; Jonathan Edmondson (1987, 1990) debruça-se sobre as indústrias mineiras e conserveiras; Jeanette Nolen (1994, 1997) e Vasco Mantas (1986; 1990; 1993; 1997a) sobre as cidades de *Balsa* e *Ossonoba*, merecendo os restantes *oppida* algarvios a atenção de Ana Margarida Arruda (1988; 1993, 1997a; 1997b), Teresa Gamito (1994; 1997) e António Faria (1987-88; 1997); Carlos Fabião (1994; 1997; 1999), aborda as estruturas produtivas, para além de surgirem vários textos de síntese deste (Fabião, 1999) e de outros autores (Alarcão (1985; 1988a; 1988b; Arruda e Gonçalves, 1993), que procuram delinear um quadro geral da ocupação romana da região. O colóquio de Coimbra sobre ânforas Lusitanas traça, de forma sistemática, o quadro da produção oleira algarvia cuja importância no contexto da Lusitânia se torna a partir de então clarividente (Alarcão e Mayet, 1990). O "Levantamento Arqueológico – Bibliográfico do Algarve", de Mário e Rosa Varela Gomes, passa, a partir de 1988, a constituir um útil instrumento de consulta sobre o que se escreveu até aí sobre a arqueologia algarvia. Em 1995, passado pouco mais de uma vintena de anos sobre a publicação da obra "Arqueologia Romana do Algarve" que assinala 188 sítios, registam-se nos três volumes da Carta Arqueológica de Portugal relativos ao Algarve e coordenados por Teresa Marques (1992, 1995; Passos, 1989), 250 sítios romanos (cf. fig. 1). Este assinalável avanço quantitativo na identificação de sítios romanos algarvios, sobretudo quando comparado com o progresso registado entre 1886

e 1972, indicia, antes de mais, que a investigação arqueológica retomou o seu caminho, deixando para trás o marasmo de décadas a que se assistiu durante os primeiros três quartos do século XX; mas, mais do que o progresso quantitativo no conhecimento de sítios, importa realçar o enorme avanço que se deu na investigação e conhecimento do processo romanizador na região. Deixámos de ter apenas um conhecimento sumário de sítios e objectos, para se passar a ter uma visão mais global dos processos de ocupação e exploração do território a partir da interpretação e estudo dos dados disponíveis. A publicação da obra "Noventa Séculos entre a Serra e o Mar", em 1997, reflecte, em termos gerais, os avanços efectuados até então (Barata e Parreira, 1997).

O novo enquadramento que é dado ao património arqueológico e as consequentes estruturas institucionais criadas no último terço da década de 90, vão provocar um verdadeiro *boom* na identificação de sítios e de informação arqueológica recolhida no território nacional. O Algarve, que continua a sua senda de construção imobiliária muito ligada ao turismo, mas também à criação de infra-estruturas e expansão das malhas urbanas existentes, vê disparar por todo o seu território o número de intervenções arqueológicas e a quantidade de sítios conhecidos, levados a cabo sobretudo por empresas de arqueologia e arqueólogos municipais. Vários municípios algarvios dotam-se de serviços de arqueologia e começam a surgir as primeiras cartas arqueológicas concelhias; os trabalhos de prospecção ampliam-se enormemente no âmbito de estudos de impacte ambientais; multiplicam-se projectos de investigação na região que visam quer o estudo de materiais quer o estudo de sítios ou territórios; a arqueologia urbana dá os primeiros passos e surge ou reorganizam-se as colecções de arqueologia em vários museus municipais. Em pouco mais de uma década os sítios romanos conhecidos quase que duplicam: os 250, registados em 1995, passam, em 2006, a 454, de acordo com um inventário elaborado pela Universidade do Algarve no âmbito do projecto internacional MOSUDHIS (Mosaicos do Sudoeste da Hispânia: Algarve e Andaluzia), tendo como fontes os dados do sistema nacional de informação arqueológica (*Endovellico*), a informação recolhida em cartas arqueológicas e outros estudos e ainda alguns dados inéditos (cf. fig. 1 e fig. 2). Este enorme progresso no conhecimento e distribuição

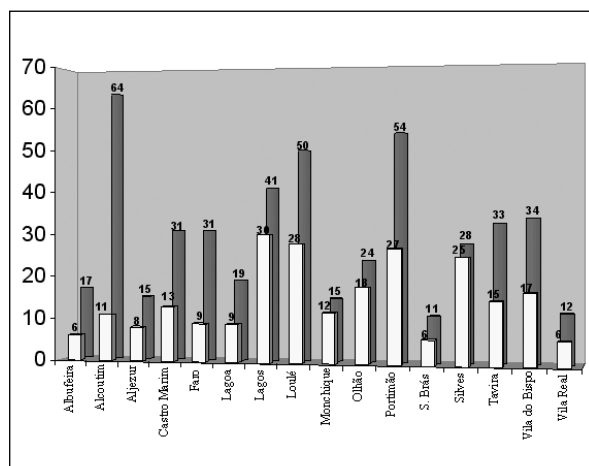


Fig 2 – Evolução dos sítios arqueológicos do período romano registados no Algarve, por concelhos (1995-2006).

de sítios romanos na região é acompanhado de um explosivo aumento de materiais arqueológicos nas reservas dos museus, empresas de arqueologia, universidades, e da extensão regional do extinto IPA, mas está longe de corresponder a significativos avanços na investigação e estudo do processo de romanização. É certo que se assiste durante estes anos a um incremento de publicações incidindo sobre sítios romanos da região, mas essas publicações, a maior parte das vezes, limitam-se a dar a conhecer os resultados das escavações, ficando por fazer enquadramentos interpretativos e estudos mais abrangentes que exigiriam o estudo detalhado da enorme massa de informação recolhida. Cabe aqui uma palavra de apreço há regular edição da revista *Xelb* que, desde 2004, se oferece como um repositório de resultados dos trabalhos arqueológicos mais significativos na região. Outras publicações como as revistas municipais de Loulé ou Faro e algumas publicações pontuais de outras autarquias, ou ainda a revista “Promontoria” do Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve, têm igualmente servido de palco para apresentação de uma miríade de trabalhos arqueológicos na região, completados, obviamente, com um ou outro artigo que vão surgindo sobretudo nas publicações periódicas “O Arqueólogo Português”, “Revista Portuguesa de Arqueologia” e “Conimbriga” ou ainda na coleção monográfica “Trabalhos de Arqueologia”.

Nos últimos anos têm vindo a lume vários trabalhos académicos e trabalhos monográficos

com o enorme mérito de estudar e publicar parte das colecções de materiais que desde há mais de uma década se têm acumulado nas reservas de museus e outras instituições. Sob a direcção da Professora Ana Arruda já se elaboraram ou estão em curso várias dissertações académicas assentes em estudos de materiais que têm permitido avanços muito significativos para o conhecimento da época romana republicana na região – período do qual pouco ou nada se sabia – e da época imperial (Sousa, 2009; Viegas, 2009). Estes estudos, incidindo em materiais, sobretudo cerâmicos, de núcleos urbanos vão colocando alguma luz sobre os complexos processos das dinâmicas económicas da região e sua relação com outras regiões mediterrânicas. O estudo de Catarina Viegas sobre as cerâmicas finas de *Balsa* e *Ossonoba* a par de outros artigos que tem publicado e, sobretudo, a sua recente tese de doutoramento prosseguem esta linha de investigação (Viegas, 2006a; 2006b; 2007; 2008a; 2008b; 2009). Este último trabalho, que estuda materiais de Castro Marim, Luz de Tavira e Faro, correspondentes aos 3 núcleos urbanos romanos do sotavento algarvio, apresenta-se como referência incontornável para o estudo daquelas dinâmicas e para a compreensão do Algarve antigo no contexto do mundo romano. Também de referência é o igualmente recente trabalho de Félix Teichner que surge na sequência de vários artigos (Teichner, 2001; 2003; 2005; 2006a) focando sobretudo o sítio rural de Milreu e o marítimo do Cerro da Vila (Teichner, 2008). Para além de compilar os principais dados das muitas campanhas de escavações a que os sítios foram sujeitos durante cerca de uma trintena de anos, apresenta novas interpretações crono-estratigráficas e funcionais para os complexos edificadas, constituindo um valioso contributo para entender a relevância de tão importantes sítios no Algarve romano. Ainda que publicado em língua alemã, o que dificulta a sua leitura para investigadores e demais interessados no tema, a profusão de plantas, gráficos e imagens que percorrem centenas de páginas tornam esta obra num marco para o estudo e conhecimento daqueles dois sítios algarvios, embora nela sejam retratados outros. Para além destas obras de maior fôlego, um número muito alargado de trabalhos têm-se debruçado sobre a economia e as actividades produtivas na região centrados nas olarias (Fabião, 2000; 2004; Viegas, 2006b; Bernardes, 2008b) nos preparados piscícolas e derivados (Silva, soares

e Coelho-Soares, 1992; Parreira, 1997; Diogo, 2001; Étienne e Mayet, 2002; Ramos e Almeida, 2005; Teichner, 2005; 2006a; Fabião, 2006; 2007; Bernardes, 2007), nas vias (Mantas, 1997b; Rodrigues, 2004) e comunicações marítimas (Mantas, 1999), nos mosaicos (Lancha, 2003; Oliveira e Viegas, 2005) ou ainda procurando (re) interpretações para sítios rurais e urbanos, onde o período da Antiguidade Tardia, praticamente ausente até aqui, marca, cada vez mais, uma forte presença (Gamito, 1996; Maciel, 2003; Teichner, 2006b; Graen, 2007; 2008; Bernardes, 2009; Inácio, 2010). Também, ainda que timidamente, a arqueologia subaquática, sobretudo em torno do rio Arade, deu, por seu turno, alguns passos que no quadro da investigação incipiente da arqueologia em contexto marítimo-fluvial no país é de registar (Alves, Machado e Castro, 2005; Bettencourt, 2006; Monteiro, Pinheiro e Alves, 2008; Alves e Monteiro, 2009).

Poderia estender-se por muito mais a enumeração de trabalhos publicados já neste século. Fica-se, porém, pelo singelo acrescento de uma nota a dar voz aos progressos registados nos trabalhos de divulgação pública de sítios arqueológicos regionais sob a forma de roteiros e itinerários (Bernardes, 2008a; Itinerários, 1994) monografias (Hauschild e Teichner, 2002; Coutinho, 2005; Silva, 2007;) ou em sítios WEB (www.arkeotavira.com; <http://radix.cultalg.pt>; www.cepha.ualg.pt/mosudhis). A estes trabalhos de divulgação para o grande público há que acrescentar um conjunto de catálogos de exposições patentes ao público na região ou em Lisboa, incidindo quer especificamente em sítios ou colecções algarvias, como “Tavira, Território e Poder” (Lopes (coord.), 2003), “Caminhos do Algarve Romano” (Paulo (coord.), 2005) ou “Lacobriga- a ocupação romana na Baía de Lagos” (Morán (coord.), 2007), quer sobre temáticas incluindo importante espólio de sítios algarvios, como as exposições organizadas no Museu Nacional de Arqueologia sobre “Mosaicos Romanos nas colecções do Museu Nacional de Arqueologia” ou a dedicada às **“Religiões da Lusitânia. Loquuntur saxa”**, acompanhada de um precioso catálogo.

Todo este labor editorial, de carácter científico ou divulgativo, mais não é do que reflexo do forte incremento da actividade arqueológica regional que, se é extensivo às demais regiões do país, se tem afirmado no Algarve com particular evidência.

Desequilíbrios e Lacunas da Investigação

Pelo que ficou dito acima poderá ter-se ficado com a ideia de que tudo vai bem na arqueologia regional. Na verdade, do ponto de vista meramente quantitativo, a progressão da actividade nos últimos anos não merece qualquer dúvida. Todavia, apesar dos avanços da investigação já enunciados, pode dizer-se que, globalmente, o conhecimento científico decorrente da actividade arqueológica tem progredido pouco quando confrontado com a quantidade de informação recolhida nos contextos arqueológicos. Antes de mais esta informação é, do ponto de vista da distribuição geográfica, muito desigual, reflectindo, desde logo, o enorme peso que a actividade arqueológica tem tido no litoral, motivada pela pressão imobiliária e consequentes estudos de minimização de impactes, de arqueologia preventiva, de emergência ou de salvamento. Reflecte ainda o interesse e investimentos que as autarquias colocam na actividade arqueológica que, hoje em dia, se têm vindo a afirmar cada vez mais como os principais promotores culturais. Finalmente, poderá ainda reflectir uma evidente falta de programação científico-cultural no âmbito da actividade arqueológica. Basta olharmos para a carta de distribuição dos sítios romanos conhecidos no Algarve para nos apercebermos de enormes desequilíbrios no conhecimento da ocupação do território, entre o litoral e boa parte do interior e entre diferentes concelhos (cf. fig. 3). Desta observação, resulta desde logo evidente um grande desconhecimento da ocupação romana do interior algarvio em relação ao litoral, que se deve, essencialmente, à ausência ou escassez de programas de prospecção. Ainda que os trabalhos de prospecção programada possam não ser extensivos a todo o litoral, os trabalhos de campo no âmbito de EIAs ou de arqueologia de emergência e de salvamento, têm permitido uma mais ampla identificação de sítios. Assim, os vazios que se observam no mapa de distribuição de sítios romanos poderá estar relacionado não tanto com uma menor densidade de ocupação na época romana mas com uma clara falta de investigação. Isso é evidente quando confrontamos o número de sítios romanos por concelho: os que apresentam uma maior densidade de sítios são aqueles onde os trabalhos de prospecção têm sido mais intensos,

como é o caso do concelho de Alcoutim. Objecto de um vasto programa de prospecções levado a cabo por académicos e pelos técnicos do município, e de um atento acompanhamento arqueológico dos programas de reflorestação da área concelhia, este concelho do interior algarvio é o que apresenta um maior número de sítios registados, ainda que a sua extensão territorial esteja longe da dos maiores concelhos da região (Loulé e Silves). Por outro lado, e ainda que alguns dos 64 sítios romanos identificados em Alcoutim possam vir a ser abatidos no decurso de posteriores investigações, é aqui que se regista a maior progressão de sítios conhecidos entre 1995 e 2006, consequência óbvia dos trabalhos ali efectuados no virar do milénio (cf. fig. 2).

Torna-se, pois, necessário estender as prospecções de campo às áreas interiores da região algarvia, cuja ausência em concelhos como Aljezur, Monchique ou no vasto interior de Loulé justificam extensos vazios arqueológicos no mapa de distribuição de sítios (Cf. fig 3). Nesta matéria, têm-se registado alguns progressos nos últimos anos, tendo alguns concelhos cartas arqueológicas já publicadas (Vila do Bispo [Gomes e Silva, 1987], Lagoa [Gomes, Cardoso e Alves, 1995] Albufeira [Gomes, Paulo e Ferreira, 2003]), executadas mas não publicadas (Alcoutim, Faro, S. Brás de Alportel) ou em fase de elaboração (Lagos) que revêem e ampliam os dados de publicações anteriores. Acresce a estes alguns trabalhos de carta arqueológica desenvolvidos em algumas freguesias, como Cachopo (Maia, 2001),

S. Bartolomeu de Messines (Correia, 2005) ou Cacela (Garcia, 2008) e ainda a carta arqueológica subaquática do concelho de Lagos (Fraga, Jesus e Marreiros, 2008).

O conhecimento que temos da região é igualmente desequilibrado e muito lacunar no que respeita à taxionomia dos sítios registados. Excluído o caso de Milreu, os estudos da economia antiga em torno do mundo rural poucos passos têm dado. Mesmo no litoral, a área melhor conhecida, pouco se avançou nos últimos anos, ainda que se tenha acentuado o enfoque da relação de muitos dos seus sítios com a exploração dos recursos marinhos. Começa, todavia, a entenderem-se e a adoptarem-se outras classificações para além da de *villa* com que tradicionalmente os assentamentos com mosaicos do litoral têm sido classificados (Bernardes, 2004; Teichner, 2005, 2006a), dando-se, cada vez mais, uma maior atenção à diacronia de muitos destes sítios que se estende frequentemente para lá da época romana; na verdade, o sítio do Cerro da Vila é praticamente o único do litoral extensamente escavado e com uma publicação que, integrando variados elementos, procura ir além de um nível meramente descritivo (Teichner, 2008). Mesmo que nos últimos anos a investigação se tenha centrado bastante nos complexos de preparados piscícolas costeiros (de que é sintomático as cinco comunicações sobre o tema que constam do programa deste Encontro), pouco se avançou sobre a real natureza deste tipo de assentamentos no que

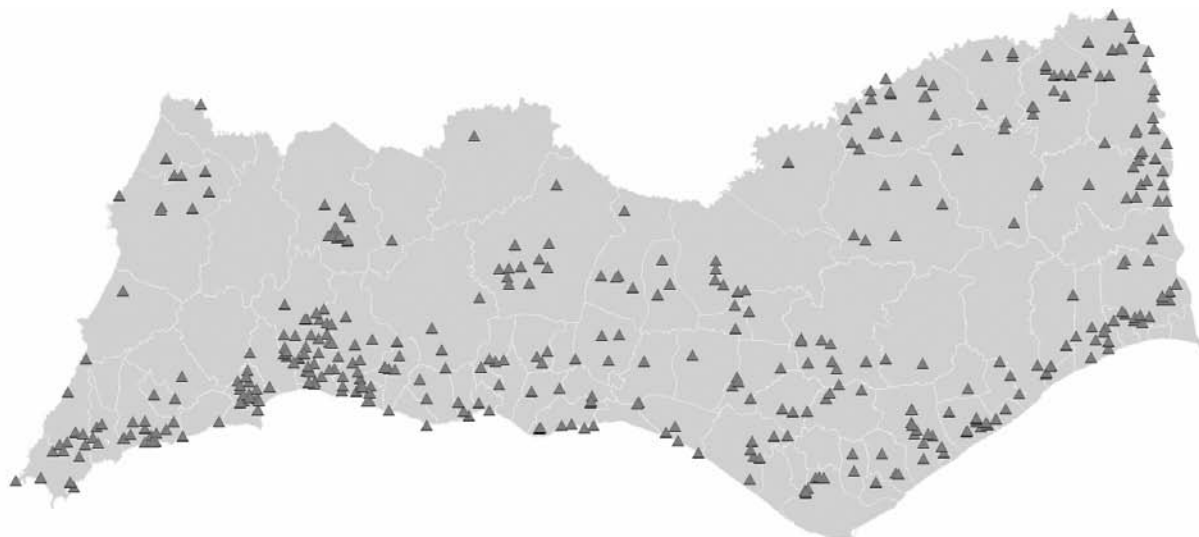


Fig. 3 – Distribuição dos sítios arqueológicos do período romano na região do Algarve (2006)

diz respeito à sua estruturação interna, organização funcional ou relações com outros sítios urbanos ou rurais. Também no litoral, ainda que os projectos de Ana Margarida Arruda tenham permitido grandes avanços no conhecimento dos *oppida* de *Baesuris* e *Lacoberga*, pouco se sabe das cidades imperiais de *Balsa* e *Ossonoba*. No caso de *Balsa*, se exceptuarmos os estudos cerâmicos de Catarina Viegas (2006a) ou dos numismas de Conceição Lopes (2005) e ainda de um ou outro estudo pontual, estes últimos anos parece que têm contribuído mais para aumentar a confusão entre o mito e a realidade, do que a esclarecer a verdadeira dimensão e importância de *Balsa* no Ocidente Peninsular, fruto em grande parte, mas não só, de um certo sensacionalismo com que a antiga urbe é frequentemente tratada pelos órgãos de comunicação social. Já no que diz respeito a *Ossonoba*, nos últimos anos têm-se vindo a assistir a um proliferar de intervenções arqueológicas no âmbito da arqueologia preventiva ou de emergência na área urbana de Faro, mas poucos resultados têm sido publicados, encontrando-se hoje os dados recolhidos nos diversos pontos da cidade completamente apartados uns dos outros, como se a *civitas ossonobensis* não se tratasse de uma mesma realidade urbana e entidade arqueológica onde qualquer parcela de informações pudesse ser vista e compreendida sem ser inserida no todo. Ainda dentro da arqueologia urbana, os avanços têm sido significativos no centro histórico de Lagos colocando a questão, mais uma vez, da taxinomia dos sítios: a abundância de achados ligados aos preparados piscícolas, a par da ausência de elementos característicos de *villae* ou de cidades, nomeadamente de arquitectura edilícia, dão o mote para se questionar a tradicional redutora classificação dos sítios romanos.

Olhando para o interior algarvio, quer para área da serra quer para a intermédia do barrocal, também aqui se começa a verificar uma enorme variabilidade de sítios, ainda que o ritmo da investigação, quando comparado com o litoral, é muito diminuto. A escavação de Castelinho de Mouros, comunicada neste Encontro, ou os trabalhos em curso de Dennis Graen na freguesia de S. Bartolomeu de Messines, do concelho de Silves, espelham aquela investigação, a que se poderiam acrescentar outros exemplos com carácter de emergência ou de salvamento como a efectuada pela empresa de arqueologia ERA na villa do sítio da Vila Fria, igualmente no concelho de Silves (Pinto e Brazuna, 2008). Mas, na verdade,

pouco conhecemos do interior algarvio quer do ponto de vista da densidade do povoamento quer da natureza dos sítios, ainda que os dados disponíveis das prospecções e das poucas escavações, como a de Castelinho dos Mouros, ponham desde logo em evidência a relação de muito desse povoamento com a exploração mineira. A escassez de dados conhecidos não nos permitem, pois, conhecer as dinâmicas existentes entre o litoral e a serra algarvia, pelo que se encarmos a arqueologia romana de toda a região algarvia como um todo teremos de concluir pela existência de enormes lacunas do conhecimento, resultantes, antes de mais, do gritante desequilíbrio de informação, já aludido, entre o orla costeira e o interior.

Tratando-se do Algarve, região marcada por vasto litoral, não poderá deixar de se fazer uma referência, por breve que seja, ao incipiente desenvolvimento da arqueologia subaquática. Apesar de alguns trabalhos feitos neste domínio, nomeadamente os já referidos em torno do rio Arade ou de Lagos, mas também alguns (poucos) em área marítima (Alves, 1990-1992; Alves, 1997; Machado, 2005), o panorama no Algarve não é muito melhor do que o do resto do País. Interessantes projectos como o de “L’Océan” ou o de “Quarteira Submersa” que previam o desenvolvimento de roteiros subaquáticos que envolviam contextos de época romana, ou que se poderiam relacionar com eles, acabaram por não vingar. Também aqui, e conhecendo-se a importância marítima da região na Antiguidade e os despojos que o meio aquático encerra, as lacunas da investigação são mais que muitas. Aliás, não pode deixar de se considerar sintomático dessas lacunas que ao longo dos três dias deste Encontro a temática da Arqueologia Subaquática tenha estado completamente ausente.

Perspectivas e Algumas Linhas de Desenvolvimento da Investigação Futura

Perante o panorama atrás traçado torna-se necessário aprofundar o conhecimento da ocupação romana no interior algarvio. As cartas arqueológicas em curso e o interesse que algumas autarquias, nomeadamente a de Loulé, têm manifestado em elaborar cartas arqueológicas do

seu território, constituirão um importante passo para atingir aquele objectivo. Por outro lado, as escavações que agora se iniciam em alguns sítios romanos do interior permitirão conhecer algo mais sobre a organização interna dos sítios aí localizados. Mas o esforço não se poderá ficar pelos trabalhos de detecção e escavação de sítios; o enorme volume de informação que as múltiplas escavações dos últimos anos permitiram recolher e que permanecem por estudar nos depósitos deverão merecer toda a atenção da investigação. Aliás, esta deve futuramente preocupar-se com metodologias que privilegiem mais o estudo de materiais e de sítios através de métodos não destrutivos, do que baseados nas tradicionais escavações. De facto, a investigação arqueológica portuguesa, nomeadamente ao nível da tutela, terá que começar a interiorizar que os sítios arqueológicos são um recurso finito e não renovável, pelo que a autorização de escavações em sítios não ameaçados deverá ser concedida com base em critérios cada vez mais rigorosos e depois de demonstrado que a aplicação de metodologias destrutivas neste ou naquele sítio arqueológico é incontornável para o avanço da linha de investigação proposta. Por outro lado, o aumento do número de investigadores e de alunos em cursos de pós-graduação nas universidades poderão e deverão, através dos seus projectos e teses académicas, dar resposta ao enorme acervo de colecções por estudar. As seis comunicações apresentadas a este encontro versando temas de estudo como a pintura, escultura, cerâmica e vidros são já um indício do rumo que a investigação futura terá que tomar.

É previsível que nos próximos anos as escavações em área urbana mantenham ou aumentem o ritmo que se tem vindo a registar nos últimos anos. Entrados na Era da construção subterrânea, como resposta à pressão imobiliária urbana e na tentativa de responder aos problemas que o crescimento recente das cidades provocou, o subsolo dos centros históricos das cidades começa agora a ser esventrado. Esta é, pois, uma época de grande responsabilidade arqueológica, uma vez que o nosso tempo começa a ocupar e a destruir o espaço que se guardou em grande parte inviolável e que, por isso, manteve o registo e a memória dos vários tempos e fases da construção das cidades. O espaço arqueológico urbano é, nesta medida, a mais preciosa de todas as áreas

arqueológicas, não apenas porque aí se encontram muitas das manifestações mais representativas dos vários períodos da História, mas porque essas manifestações se apresentam num *continuum*, tornando o subsolo urbano de muitas cidades o espaço de eleição para se apreender a evolução histórico-arqueológica das regiões. Apesar destas evidências, as intervenções arqueológicas em área urbana nas cidades do Algarve carecem, quase sempre, de uma estrutura que integre num mesmo sistema de gestão as múltiplas intervenções levadas a cabo por diferentes organismos ou empresas de arqueologia. Como resultado, torna-se hoje difícil ter uma visão global do que já se conhece do subsolo dos centros urbanos. Prevendo-se que as intervenções continuem a fazer-se a um ritmo acelerado, é essencial que haja uma estrutura que coordene e reúna num sistema integrado toda a informação recolhida e a recolher. Tanto mais que, em algumas cidades algarvias, as diferentes áreas arqueológicas intervencionadas correspondem a um mesmo sítio arqueológico e deverão ser tratadas como tal. Neste particular, alguns municípios, através dos seus gabinetes de arqueologia, têm feito um esforço para controlar e gerir toda a informação decorrente das várias intervenções arqueológicas de forma conexas. É, todavia, desejável que se avance para um sistema de gestão de dados, em conexão com os serviços SIG, que permita elaborar cartas do subsolo das cidades e, a partir daí, cartas de risco ou de sensibilidade arqueológica. Tal, para além de permitir uma melhor gestão integrada da evolução das cidades e desenvolvimento urbano, permitirá ainda uma constante actualização dos dados que todos os dias emergem do seu subsolo correlacionando-os com a informação já conhecida.

Começa a ser cada vez mais notória a falta de abordagens multidisciplinares das estações arqueológicas do país e da região da época romana, nomeadamente através do recurso a estudos paleoambientais. Se os estudos de arqueozoologia têm merecido alguma atenção, ainda que insuficiente, os estudos paleobotânicos e geo-arqueológicos estão quase sempre ausentes dos estudos realizados. No caso do litoral algarvio deverá haver uma maior atenção ao estudo de paleossolos que têm sido destruídos um pouco por todo o lado sem recolhas ou registos. Note-se que estes ambientes, nomeadamente os que se situam em áreas paleoestuarinas, apresentam condições

ímpares para o conhecimento dos paleoambientes terrestres e marinhos da Antiguidade. O caminho da investigação futura da época romana na região do Algarve, como no resto do país, deverá apostar mais nos estudos arqueométricos, ao mesmo tempo que o estudo dos materiais, procurando indagar a presença de produções locais, ritmos de importação, dinâmicas comerciais, deverão ser aprofundados, a par de uma tentativa integrada de compreensão das dinâmicas e organização interna dos sítios investigados.

No domínio da transmissão do conhecimento para o grande público e da divulgação muito há, também, para se fazer. Apesar de vários museus da região exporem colecções dedicadas ao período romano, não se oferece uma visão global da presença romana da região, de forma a que o visitante fique elucidado sobre o povoamento, as cidades, as dinâmicas económicas, a sociedade, a cultura. Tratando-se do Algarve uma das principais regiões turísticas do país, carente de oferta cultural, a Arqueologia Romana poderá ter aqui um importante papel na colmatação daquela lacuna, não apenas através dos sítios visitáveis, também eles a precisarem de uma nova dinâmica, mas também pela apresentação de espaços museológicos com discursos atractivos e elucidativos suportados nos muitos objectos e informação disponível, bem como em recursos multimédia. Claro que todo este esforço para se chegar aos vários públicos necessitará de divulgação eficaz em articulação com os vários agentes económicos da região, algo que se tem feito sentir muito pouco no Algarve, mesmo quando se tratam de sítios recém abertos ao público.

A superação das lacunas dos estudos arqueológicos regionais atrás identificadas, conjugadas com abordagens mais integradas e abrangentes, deverá definir o rumo das investigações nos próximos anos. A época romana do Algarve, para além de precisar de ser melhor conhecida, precisa de ser investigada com novas metodologias de abordagem e com um esforço acrescido no estudo dos espólios que retêm boa parte da informação indispensável a um melhor entendimento do Algarve romano, devendo toda essa massa de informação e conhecimento ser colocada ao serviço da comunidade numa perspectiva de desenvolvimento integrado, onde a Arqueologia terá que assumir um papel mais relevante como meio de afirmar a marca identitária da Região.

Referências Bibliográficas

- Alarcão, J.**, (1985) - "Sobre a romanização do Alentejo e do Algarve", *Arqueologia*, n.º 11, Porto.
- Alarcão, J.**, (1988a) - *O domínio romano em Portugal*, publicações Europa – América, Mem Martins.
- Alarcão, J.**, (1988b) - *Roman Portugal*, vol. II, Fasc. 3, Aris & Phillips LTD, Warminster.
- Alarcão, A. e Mayet, F.** [Eds.] (1990) - *Ânforas Lusitanas. Tipologia, produção, comércio*, Actas das Jornadas de estudo (Conimbriga 1988), Coimbra/Paris: Museu Monográfico de Conimbriga/Paris.
- Alves, F. S. J.** (1990-1992) - "O Itinerário Arqueológico Subaquático do Óceano", in *O Arqueólogo Português*, série IV, 8/10, pp. 455-467.
- Alves, F. S. J.** (1997) - "Em torno dos projectos da Boca do Rio e do Oceano", *Setúbal Arqueológica*, 11/12, pp. 225-239.
- Alves, F., Machado, A. e Castro, F.** (2005) - "Resultados Preliminares da Campanha de Trabalhos arqueológicos Arade 2001, realizada no âmbito do Projecto ProArade", *Xelb*, 5 (Actas do II Encontro de Arqueologia do Algarve, Silves, 17 e 18 de Outubro de 2003), C. M. de Silves /Museu Nacional de Arqueologia, pp. 257-266.
- Alves, F. & Monteiro, P.** (2009) - "Assessment on the Arade 23 wreck site: 2007-2008" in M. MANDERS et al. [eds.] *MACHU (Managing Cultural Heritage Underwater: a maritime research project funded by the European Union Culture 2000 Programme)* num. 2. Rotterdam: Educom Publishers BV, pp. 16-17.
- Arruda, A. M.** (1988) - "Nota acerca da ocupação romana republicana do Castelo de Castro Marim", in *Actas do 5º Congresso sobre o Algarve* (Montechoro, 1988), vol. I, Silves, Racial Clube, pp. 13-17.
- Arruda, A. M. e Gonçalves, L. J.** (1993) - "Sobre a Romanização do Algarve", in *Actas do II Congresso peninsular de História Antiga*, Coimbra (1990), pp. 455-465.
- Arruda, A. M.** (1997a) - *As cerâmicas áticas do Castelo de Castro Marim*, Lisboa: Colibri.
- Arruda, A. M.** (1997b) - "Os núcleos urbanos litorais da Idade do Ferro no Algarve", in *Noventa séculos entre a serra e o mar*, Lisboa.
- Arruda, A. M. et al.** (2008) - "Monte Molião (Lagos): resultados de um projecto em curso", *Xelb*. 8:1 (Actas do 5º Encontro de Arqueologia do Algarve), Silves, pp. 137-168.

- Barata, F. e Parreira, R.** [coord.] (1997) - *Noventa séculos entre a Serra e o Mar*, Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico.
- Bernardes, J. P.** (2004) - "Sobre o Litoral Algarvio no Período Imperial Romano" in Maria da Conceição Lopes e Raquel Vilaça [coord.] *O Passado em Cena – narrativas e fragmentos. Miscelânea oferecida a Jorge de Alarcão*, Coimbra / Porto, pp. 247-260.
- Bernardes, J. P.** (2007) - "Boca do Rio – 130 anos depois", *Xelb*, 7 (Actas do 4º Encontro de Arqueologia do Algarve – Percursos de Estácio da Veiga), Silves, pp. 341-354.
- Bernardes, J. P.** [Coord.] (2008a) - *A Rota do Mosaico Romano – O Sul da Hispânia (Andaluzia e Algarve)*, Universidade do Algarve.
- Bernardes, J. P.** (2008b) – "O Centro Oleiro do Martinhal", *Xelb*, 8, (Actas do 5º Encontro de Arqueologia do Algarve), Silves.
- Bettencourt, J. et al.** (2006) – "O Sítio Arqueológico Subaquático Arade B", *Xelb*, 6 (vol. 2) (Actas do III Encontro de Arqueologia do Algarve, Silves, 20 a 22 de Outubro de 2005), C. M. de Silves /Museu Nacional de Arqueologia, pp. 257-274.
- Correia, J. E.,** (2005) - *Levantamento Arqueológico da Freguesia de São Bartolomeu de Messines*, Silves.
- Coutinho, H. M. R.,** 2005 – *Ruínas do Montinho das Laranjeiras*, Alcoutim.
- Diogo, A. M. D.** (2001) – "Escavação de uma unidade de processamento de berbigão na estação romana do Cerro da Vila, Loulé", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 4, nº 1, pp.109-115.
- Edmondson, J.** - (1987) - *Two Industries in Roman Lusitania: Mining and Garum Production*, Oxford.
- Edmondson, J.** (1990) - "Le Garum en Lusitanie Urbaine et Rurale: Hierarchies de Demande et de Production", in *Les Villes de Lusitanie Romaine*, Paris.
- Encarnação, J. d'** (1984) - *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis. Subsídios Para o Estudo da Romanização*, Coimbra.
- Encarnação, J. d'** (1991) - "A necrópole romana da Quinta de Marim (Olhão). A onomástica enquanto índice socio-cultural", *Anais do Município de Faro*, 21, Faro, pp. 229-242.
- Etiénne, R.; Mayet, F.** (2002) – *Salaisons et Sauces de Poissons Hispaniques*, Paris: Diffusion E. de Boccard, 2002.
- Fabião, C.** (1994) - "Garum na Lusitânia Rural ? Alguns comentários sobre o povoamento romano do Algarve", in J-G. Gorges e M. Salinas de Frias, *Les campagnes de Lusitanie. Occupation du sol et habitats*, Madrid, pp. 229-252.
- Fabião, C.** (1997) - "A Exploração dos Recursos Marinhos" in *Portugal Romano*, Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. pp. 35-56.
- Fabião, C.** (1999) – "O Algarve romano", in M. G. M. MARQUES [edit.], *O Algarve da Antiguidade aos nossos dias*. Lisboa, pp. 33-51.
- Fabião, C.** (2000) - "O sul da Lusitânia (Algarve Português) e a Baetica: concorrência ou complementaridade?", *Ex Baetica Amphorae, Actas do congresso internacional "Conservas, aceite y vino de la Bética en el Imperio Romano* (Sevilha-Écija, 17 a 20 de Dezembro de 1998), Vol II, Écija, pp.717-730.
- Fabião, C.** (2004) - "Centros oleiros da Lusitania: balanço dos conhecimentos e perspectivas de investigação", in Bernal, D.; Lagóstena, L. (eds) *FIGLINAE BAETICAE. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a. C. – VII d.C.)*, vol. 1 (Oxford: BAR, 1266), pp. 379-410.
- Fabião, C.** (2006) – "A exploração de recursos marinhos na Lusitania romana: balanço dos conhecimentos e perspectivas da investigação", in *Historia de la pesca en el ámbito del estrecho. I Conferencia internacional*, (Puerto de Santa María Cádiz, Junho de 2004), Cádiz: Junta de Andalucía; Instituto de Investigación y Formación Agraria y Pesquera, pp. 489-529.
- Fabião, C.** (2007) - "Estácio da Veiga e a exploração de recursos marinhos no Algarve, em época romana", *Xelb* 7 (Actas do 4º Encontro de Arqueologia do Algarve), Silves, pp. 131-142.
- Faria, A. M.** de (1987-1988) - "*Ipses*, uma ceca hispano-romana do Sudoeste", *Acta Numismática*. Barcelona, 17-18, pp. 101-104.
- Faria, A. M.** (1997) - "Moedas da época romana cunhadas no actual território algarvio", In *Noventa séculos entre a serra e o mar*, Lisboa, IPPAR, pp. 361-371.
- Formosinho, J.** (1942) – "Abicada – Interessante Estação arqueológica da Época Romana", Boletim da Junta da Província do Algarve.
- Formosinho, J., Ferreira, O.** da V. e **Viana, A.** (1953) – *Estudos Arqueológicos nas Caldas de Monchique*, Instituto de Alta Cultura, Porto.
- Formosinho, J.** (1997) - " O Dr. José Formosinho e a Arqueologia do Algarve", in *Noventa Séculos entre a Serra e o Mar*, Lisboa, IPPAR, pp. 59-67.
- Fraga, T. M. ; Jesus L. de e Marreiros, J. M.** (2008) - "Resultados do plano de sondagens do património submerso no concelho de Lagos. Carta Arqueológica Subaquática do Concelho de Lagos", *Vipasca – Arqueologia e História*, nº 2, 2ª série

(Actas do III Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular, 26-28 de Outubro de 2006, Aljustrel), Aljustrel, pp.711-719.

Gamito, T. J. (1994). “*Ipses (Vila Velha, Alvor)*”. In *V Jornadas Arqueológicas (Actas)*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 213-218.

Gamito, T. J. (1996) - “As muralhas de Faro e os vestígios bizantinos da ocupação da cidade e do seu sistema defensivo” in *Miscellanea em Homenagem ao Professor Bairão Oleiro*, Lisboa, pp. 259-268.

Gamito, T. J. (1997) - “*Ipses (Vila Velha de Alvor)*”, in *Noventa séculos entre a serra e o mar*, Lisboa, pp. 257-263.

Garcia, C. (2008) – *Cacela, Terra de Levante. Memórias da Paisagem Algarvia*, C. M. de Vila Real de Santo António/Campo Arqueológico de Mértola.

Gomes, M. V. e Gomes, R. V. (1988) - Levantamento Arqueológico-Bibliográfico do Algarve, Direcção Regional do Sul da Secretaria de Estado da Cultura.

Gomes, M. V. ; Cardoso, J. L.; Alves, F. J. S. (1995) - *Levantamento Arqueológico do Algarve*. Concelho de Lagoa. Lagoa: Câmara Municipal de Lagoa.

Gomes, M. V., Paulo, L. C. e Ferreira S. D. (2003) - *Levantamento Arqueológico do Algarve. Concelho de Albufeira*, C. M. de Albufeira.

Gomes, M. V. ; Silva, C. T. da (1987) - *Levantamento arqueológico do Algarve. Concelho de Vila do Bispo*. Faro: Secretaria do Estado da Cultura.

Gonçalves, V. S. (1979) – “A Carta arqueológica do Algarve. Estratégias e Perspectivas”, *Clio*, 1, Lisboa, pp. 99-115.

Graen, D. (2007) - “O sítio da Quinta de Marim (Olhão) na época tardo-romana e o problema da localização da *Statio Sacra*”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 10 (1), pp. 275-288.

Graen, D.; **Kleinschmidt**, T.; **Schierl**, T. & **Zimmermann**, K.. (2008) - “The site of Quinta de Marim (Olhão): results and perspectives of investigation”, *Xelb*, 8 (Actas do 5º Encontro de Arqueologia do Algarve, Silves), pp. 223-241.

Hauschild, T. (1980) - “Milreu-Estoi (Algarve). Untersuchungen neben der Taufpiscina und Sondagen in der Villa. Kampagnen 1971 und 1979”, *Madriider Mitteilungen (MM)*, 21, pp. 189-219.

Hauschild, T. (1984) – “A villa romana de Milreu, Estói (Algarve)”, *Arqueologia*, 9, Porto, pp. 94-104.

Hauschild, T. e **Teichner**, F. (2002) – *Milreu – Ruínas*, Lisboa, IPPAR (coleção “Roteiros da Arqueologia Portuguesa”, 9).

Inácio, I. (2010) - “Vale de Condes, Alcoutim: um sítio tardo antigo da diocese de Ossonoba”,

Promontoria, 7, Universidade do Algarve (no prelo).

Itinerários (1994) - *Itinerários Arqueológicos do Alentejo e Algarve: programa de valorização cultural e divulgação turística*, Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico/ Secretaria de Estado de Turismo.

Lancha, J. (2003) – “Cerro da Vila, la villa et son décor: nouvelles recherches de la mission luso-française Mosaiques du Sud du Portugal”, *Xelb*, 4 (Actas do 1º Encontro de Arqueologia do Algarve – Silves, 27-29 de Setembro de 2001), Silves, pp. 115-134.

Lopes, M. [coord. Executiva], 2003, *Tavira: Território e Poder*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia e Câmara Municipal de Tavira.

Lopes, M. C. (2005) - *Moedas do Museu Municipal de Tavira*, Tavira: Câmara Municipal e Instituto Português de Museus.

Maciel, M. J. (2003) – “O território de Balsa na Antiguidade Tardia”, in *Tavira: Território e Poder*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia e Câmara Municipal de Tavira, pp. 105-126.

Machado, A. (2005) – Os Projectos de Prospecção Subaquática do Estuário do Rio Arade e de Sagres”, *Xelb*, 5 (Actas do II Encontro de Arqueologia do Algarve, Silves, 17 e 18 de Outubro de 2003), C. M. de Silves /Museu Nacional de Arqueologia, pp. 267-278.

Maia, M. G. P. (2001)- *Levantamento da carta arqueológica da freguesia do Cachopo, Tavira* : Campo Arqueológico de Tavira.

Mantas, V. G. (1986) – “Arqueologia urbana e fotografia aérea: contributo para o estudo do urbanismo antigo de Santarém, Évora e Faro”, *Trabalhos de Arqueologia*, 3, (Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana - Setúbal 1985), Lisboa, pp. 13-26.

Mantas, V. G. (1990) – “As cidades marítimas da Lusitânia”, *Les villes de Lusitanie romaine. Hiérarchies et Territoires*. Table ronde internationale du Centre National de Recherche Scientifique. (Talence 1988), Paris: CNRS (Coll. Maison des Pays Ibériques; 42), pp. 149-205.

Mantas, V. G. (1993) - «A cidade Luso-Romana de Ossonoba», *Actas del I Coloquio de Historia Antiguade Andalucía - Cordoba, 1988*, I, Cordoba, pp. 515-537.

Mantas, V. G. (1997a) - “As civitates: Esboço da geografia política e económica do Algarve romano”. in *Noventa séculos entre a serra e o mar*. Lisboa: IPPAR. pp. 283-309.

- Mantas, V. G.** (1997b) - "Os caminhos da serra e do mar", In *Noventa séculos entre a serra e o mar*, Lisboa, pp. 311-325.
- Mantas, V. G.** (1999) - "As *Villae* marítimas e o problema do povoamento do litoral português na época romana", in *Économie et territoire en Lusitanie romaine*, Actes et travaux réunis et présenté par Jean –Gérard Gorges et F. Germán Rodríguez Martín, Madrid, pp. 135-156.
- Marques, T.** [Coord.] (1992) - *Carta Arqueológica de Portugal. Concelhos de: Portimão, Lagoa, Silves, Albufeira, Loulé, São Brás de Alportel*, Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico.
- Marques, T.** [Coord.] (1995) - *Carta Arqueológica de Portugal. Concelhos de : Faro, Olhão, Tavira, Vila Real de Sto. António, Castro Marim e Alcoutim*, Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico.
- Matos, J. L. de** (1971) – "Cerro da Vila. Escavações em 1971", *O Arqueólogo Português*, Lisboa. S. 3, 5, pp. 201-214.
- Matos, J. L. de** (1972) – "Cerro da Vila. Campanha de trabalhos de 1972", *O Arqueólogo Português*, Lisboa. S. 3. 6, pp. 251-262.
- Matos, J. L. de** (1984) – "Estações e Monumentos - Cerro da Vila (Algarve)", *Arqueologia*, nº 10, Porto, pp. 137-142.
- Matos, J.L. de** (1997) – "Cerro da Vila", in *Noventa Séculos entre a Serra e o Mar*, Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico, pp. 387-393.
- Monteiro, P., Pinheiro, S. & Alves, F.** (2008) - "Arade 23: arqueografia preliminar de um naufrágio estuarino", in *Xelb 8* (Actas do 5º Encontro de Arqueologia do Algarve), Câmara Municipal de Silves, pp. 355-363.
- Morán, E.** [coord. Exec.] (2007) - *Laccobriga. A Ocupação Romana na Baía de Lagos*, Lagos: C. M. de Lagos.
- Nolen, J. U. S.** (1994) - *Cerâmicas e Vidros de Torre de Ares, Balsa, incluindo o espólio ósseo e medieval*, Lisboa: SEC, MNA, IPM.
- Nolen, J. U. S.** (1997) - "*Balsa*, uma cidade romana no litoral algarvio", In *Noventa séculos entre a serra e o mar*, Lisboa, pp. 327-341.
- Oliveira, C. e Viegas, C.** (2005) – "Mosaicos Romanos do Algarve: Perspectivas de Investigação", *Xelb, 7* (Actas do 2º Encontro de Arqueologia do Algarve – Silves, 17 e 18 de Outubro de 2003), Silves, pp. 53-72.
- Parreira, R.** (1997) – "O Salvamento Arqueológico das Ruínas Romanas da Praia da Luz (Lagos): as Oficinas de Salga a Oriente do Balneário (Escavações de 1987-1988)", in *Setúbal Arqueológica*, 11/12, pp. 241-248.
- Passos, J.M. S.** [Coord.] (1989) – *Estudos de Integração do Património Histórico-Urbanístico para a Reabilitação Urbana, 1- Aljezur, Vila do Bispo, Monchique, Lagos*, Lisboa: Instituto Português do Património Cultural.
- Paulo, D.** [Coord. Geral] (2005) - *Os Caminhos do Algarve Romano*, Faro: C. M. de Faro.
- Pinto, M. e Brazuna, S.** (2008) - "Estação arqueológica de Vila Fria (Silves) Resultados dos trabalhos de diagnóstico", in *Vipasca – Arqueologia e História*, nº 2, 2ª série (Actas do III Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular, 26-28 de Outubro de 2006, Aljustrel), Aljustrel, pp.325-328.
- Ramos, A. C. e Almeida, R.**(2005) – "O Complexo Industrial Conserveiro de Época Romana da Rua Silva Lopes. Principais Resultados de uma Intervenção de Emergência no Centro Histórico de Lagos", *Xelb, 5* (Actas do II Encontro de Arqueologia do Algarve, Silves, 17 e 18 de Outubro de 2003), Silves, pp. 101-118.
- Rocha, A. S.** (1895) - "Notícia de Algumas Estações Romanas e Árabes do Algarve", *O Archeólogo Português*, Vol. I, Lisboa, pp. 113-116, 193- 212, 291-296, 327-337.
- Rocha, A. S.** (1896) - "Notícia de Algumas Estações Romanas e Árabes do Algarve", *O Archeólogo Português*, Vol. II, Lisboa, pp. 65-79.
- Rodrigues, S.** (2004) – *As Vias Romanas do Algarve*, Faro.
- Rosa, J. A. P.** (1984) - "Estamos em Ossónoba?" in *Anais do Município de Faro*, XIV, Faro.
- Santos, M.L.E.V.A** (1971/72) - *Arqueologia Romana do Algarve* (2 Vols.), Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- Sousa, E.** de (2009) - *A Cerâmica de Tipo Kuass no Algarve: os casos de Castro Marim e Faro*, Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
- Silva C. T. ; Soares, J. & Coelho-Soares, A.** (1992) – "Estabelecimento de Produção de Salga da Época Romana na Quinta do Marim (Olhão). Resultados Preliminares das Escavações de 1988-89" in *Setúbal Arqueológica*, IX/X, pp. 335-374.
- Silva, L. F.** (2007) – *Balsa, cidade perdida*, Tavira: Campo arqueológico de Tavira/Câmara Municipal de Tavira.
- Teichner, F.** (2001) - "Uma nova interpretação

da área 21, a partir da planta elaborada por Sebastião Philippes Martins Estácio da Veiga, sobre a *Villa* romana de Milreu (Estoi, Algarve) – notícia preliminar”, *O Arqueólogo Português*, série IV, vol. 19, Lisboa, pp. 187-198.

Teichner, F. (2003) - “Resultados preliminares das últimas escavações na *pars rustica* noroeste da *Villa* romana de Milreu”, *Xelb*, 4 (Actas do 1º Encontro de Arqueologia do Algarve), Silves, pp. 103-114.

Teichner, F. (2005) - “Cerro da Vila - aglomeração secundária e centro de produção de tinta no sul da província Lusitânia”, *Xelb*, 5 [= Actas do 2º Encontro de Arqueologia do Algarve], Silves, pp. 81-96.

Teichner, F. (2006a) - “Cerro da Vila: paleo-estuário, aglomeração secundária e centro de transformação de recursos marítimos” in *Setúbal Arqueológica*, 13 (Simpósio Internacional *Produção e comércio de Preparados Piscícolas durante a Proto-História e a Época Romana no Ocidente da Península Ibérica – Homenagem a Françoise Mayet*, Setúbal, Maio 2004), Setúbal, pp. 69-82.

Teichner, F. (2006b) - “«De lo romano a lo árabe». La transición del sur de la provincia de Lusitania a al-Gharb al-Andalus: nuevas investigaciones en los yacimientos de Milreu y Cerro da Vila”, *Anejos de AEspA*, XXXVIII, pp. 207-220.

Teichner, F. (2008) - *Zwischen Land und Meer – Entre tierra y mar. Studien zur Architektur und Wirtschaftsweise ländlicher Siedlungen im Süden der römischen Provinz Lusitanien*, *Studia Lvsitana*, 3, Merida, 2. vols.

Vasconcellos, J. L. (1917) - *Coisas Velhas*, *O Archeologo Português*, 22, pp. 107-169.

Vasconcellos, J. L. (1919-1920) - *Coisas Velhas*, *O Archeologo Português*, 24, pp. 215-237.

Veiga, S. P. M. E. da (1910) - „Antiguidades Monumentais do Algarve. Cap. V. Tempos Históricos”, *Archeologo Português*, vol. XV, Lisboa, pp. 209-233 (=VEIGA, Estácio da (2006) – *Antiguidades Monumentais do Algarve- Tempos Históricos*, Vol. V, C. M. Silves/Museu Nacional de Arqueologia).

Viana, A. (1951) – *O cemitério luso-romano do Bairro Letes*, Lisboa (sep. de *Brotéria*, 53, pp. 145-165).

Viana, A. (1952a) – *Balsa y la necropolis romana de as Pedras d’El Rei*, Madrid (sep. de *Archivo Español de Arqueologia*, vol. XXv, pp. 261-285).

Viana, A. (1952b) - “Osso-noba. O problema da sua localização”, *Revista de Guimarães*, LXII, Guimarães, pp. 250-285.

Viana, A. ; **Formosinho**, J. & **Ferreira**, O. da V. (1953) - “De lo Prerromano a lo Arabe en el Museo regional de Lagos”, in *Archivo Español de Arqueologia*, Vol. XXV (nº 87), Madrid.

Viegas, C. (2006a). *A cidade romana de Balsa (Torre de Ares – Tavira: (I) a terra sigillata*. Tavira: C. M. de Tavira.

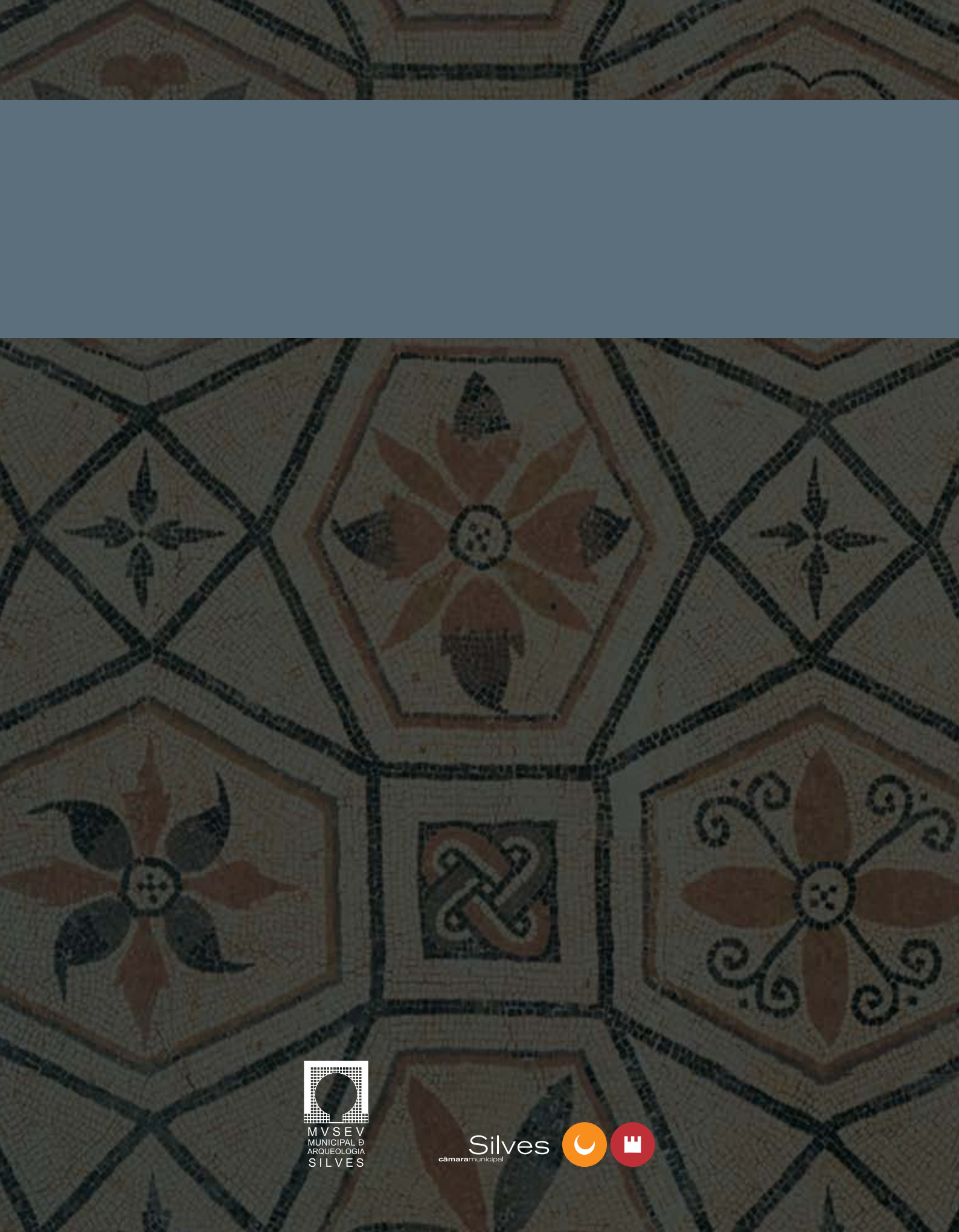
Viegas, C. (2006b) – “O forno romano da Manta Rota (Algarve)”, *Setúbal Arqueológica*, 13 (Actas do Simpósio Internacional de Homenagem a Françoise Mayet [Setúbal, Maio de 2004]), pp. 177-196.

Viegas, C. (2007) « Les céramiques tardives dans les sites du sud-ouest de la Péninsule Ibérique (Algarve – Portugal) » in M. Bonifay e J-C. Trégliá (ed.), *Late Roman Coarse Wares, Cooking Wares and Amphorae in the Mediterranean – Archaeology and Archaeometry*, vol. 1 (BAR, Int. Ser. 1662-1): 71-83.

Viegas, C. (2008a), “A Cidade de Osso-noba: Importações cerâmicas” in J. P. Bernardes (ed.) *Hispania Romana*, (Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular, Faro, 2004), Faro: 215-231.

Viegas, C. (2008b) – “O mosaico do Oceano (Faro) - cerâmicas associadas”, in *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular, Promontoria Monográfica*, 10 (Faro, 2004), Faro, pp. 197-214.

Viegas, C. (2009) - *A ocupação romana do Algarve: estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*, (Dissertação de Doutoramento apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa).



Silves
câmara municipal

